



DESTAQUE PERSPECTIVAS PARA 2013

Empresários pessimistas para 2013

Para mais de 80% dos presidentes executivos e administradores ouvidos pelo Diário Económico, 2013 não será ainda o ano do início da retoma.

Mónica Silveiras
monica.silveiras@economico.pt

A esmagadora maioria dos empresários está pessimista com as perspectivas do próprio ano. Para mais de 80% dos 84 presidentes executivos e administradores ouvidos pelo Diário Económico, 2013 não será ainda o ano em que Portugal iniciará a recuperação económica e, para a maioria, a actividade dos respectivos sectores será um reflexo do desempenho do país, não havendo por isso previsões de crescimento ou de criação de emprego.

O sentimento negativo é transversal. Banca, seguradoras, construtoras, transportadoras, farmacêuticas, empresas do turismo, do ramo automóvel, agroalimentar, tecnologias de informação, têxtil, calçado, advocacia partilham uma visão muito cautelosa. “Não se antevê a retoma da economia portuguesa antes de 2014”, diz taxativo o presidente executivo da Tranquilidade. Mas Pedro Brito e Cunha não está só. “Parece-me demasiado esperar uma recuperação em 2013”, corrobora Henrique Lehfeld, o presidente executivo da Hörmann Portugal. “Em 2013 continuaremos a sentir o impacto das medidas de austeridade, prolongando-se a contracção na economia”, justifica Luís Paulo Salvado, presidente executivo da Novabase.

Estas previsões vão ao encontro da própria análise do Governo que aponta para uma contracção da economia de 1%. Já o Banco de Portugal aponta para uma quebra da economia de 1,6%. Mas há projecções mais pessimistas. O Citibank, por exemplo, prevê uma contracção superior a 5% em 2013. Determinante para o desempenho do PIB são as pesadas medidas de austeridade inscritas no Orçamento do Estado que, mais uma vez, vão comprometer o consumo das famílias e o investimento das empresas. A grande expectativa reside nas exportações que poderão ajudar a alavancar a retoma.

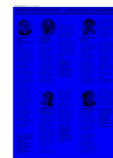
“É urgente criar um clima de confiança. Se todos formos conscientes de que o momento requer mais união e mais esforço em conjunto, estou certo que 2013 não será pior que 2012, e até poderá haver alguma melhoria embora que ligeira”, diz Eduardo Rangel. O presidente do Grupo Rangel frisa ainda que é imperioso que “os portugueses decidam que o seu grande objectivo” é exportar. “Porque não lutar para que 50% do nosso PIB se realize nas exportações?”, questiona. “Será neste sector das exportações e na internacionalização que podemos ter expectativas de combater o desemprego, e melhorar a nossa economia”, complementa.

Criar emprego não será uma prioridade. Para muitos empresários o esforço será antes manter o actual número de trabalhadores. “Como a Europa está, se conseguirmos manter o mesmo nível de actividade já é um grande esforço da empresa”, diz Paulo Melo, administrador da Somelos. “A produção do sector da construção em Portugal continuará a cair e o mesmo sucederá com o emprego”, vaticina, por seu turno António Castro Henriques. Mas as empresas cuja actividade consegue ser alimentada pelas exportações têm perspectivas diferentes. “Se concretizar as encomendas que tenho em perspectiva terei de aumentar a minha capacidade produtiva e surgirá oportunidade para a criação de emprego”, avança Miguel Oliveira, presidente executivo da AS. Já Tomás Roquette, administrador da Quinta do Vallado pretende “reforçar a equipa comercial com um novo quadro exclusivamente dedicado à expansão do negócio internacional da empresa”, sendo a aposta prioritária os continentes asiático e africano.

Resumindo as perspectivas para próximo ano, Rui Correia, administrador da Rumos, cita Winston Churchill: “Isto não é o fim. Não é sequer o princípio do fim. Mas é, talvez, o fim do princípio”. ■ com M.T.A., M.A.B., M.V.L., M.M.S., S.P.M., H.S., C.S., A.M.G., D.L., S.S.P., N.M.S., C.M., R.V., I.D.B.

A grande maioria dos 84 empresários ouvidos pelo Diário Económico não esperam que haja uma recuperação, em 2013, dos sectores em que operam.





DESTAQUE PERSPECTIVAS PARA 2013

1 Em 2013 haverá condições para se iniciar uma fase de recuperação ou a economia vai continuar em contracção?

2 No caso da sua empresa (sector) quais as previsões tanto de crescimento como de criação de emprego?

**João Soares da Silva****Sócio / Partner da Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva**

1 Quero acreditar que possa haver das duas coisas. As previsões do Governo e as principais internacionais apontam para uma retracção clara, que até bem poderá ser superior às previsões actuais. Admito que o sentido final do ano possa depender, para além dos factores de que com razão se fala - entre outros, os impactos do agravamento fiscal posto no terreno, a capacidade de execução orçamental e o comportamento da Europa, com relevo para a estratégia pré-eleitoral que for seguida pela Alemanha - de uma outra coisa de que neste tempo se fala pouco e que é a confiança, cujo impulso tem sempre de vir do lado da política e cujo efeito é vital para a economia. As perspectivas não são animadoras: o Governo, que já teve capacidade de induzir confiança, já a perdeu grandemente aos olhos do país, passa dificuldades internas que muitos predizem terminais, terá com probabilidade uma punição eleitoral nas autárquicas... Se for capaz de inverter o seu declínio será uma agradável surpresa. Mas a dimensão do ajustamento feito e a profundidade da crise já atingida pode tornar mais verosímil que pequenos factores positivos, se houver capacidade para isso, possam gerar alguma sensação de "fundo do poço", e um princípio de confiança, designadamente quanto ao investimento, sem o qual não há recuperação possível e com o início do qual alguma recuperação lenta se pode iniciar também. Quero acreditar, repito.

2 Não aplicável.

O Governo, que já teve capacidade de induzir confiança, já a perdeu grandemente aos olhos do país, passa dificuldades internas que muitos predizem terminais.

**João Vieira de Almeida****Sócio fundador da Vieira de Almeida**

1 Temo que 2013 seja mais um ano de extremas dificuldades, desde logo porque não se antecipa a quebra da taxa de desemprego - o maior problema que o país enfrenta - e, por outro, o potencial abrandamento da recessão no segundo semestre, a acontecer, é demasiado tímido para produzir resultados palpáveis até ao final do ano. Acrescem as dúvidas, que não há maneira de se dissiparem, quanto à verdadeira capacidade (ou vontade) dos líderes europeus para adoptar medidas eficazes e realistas de combate à crise e, no plano interno, quanto à estabilidade da situação política e social face aos crescentes sinais de tensão

**Diogo Perestrelo**
Sócio/Partner, Cuatrecasas, Gonçalves Pereira Associados, RL

1 Penso que ainda não será em 2013 que veremos sinais de recuperação em Portugal. Mas poderão ser criadas as bases que isso suceda em 2014. Para isso será fundamental mantermos o crescimento das nossas exportações e, por outro lado, os bancos concluírem as suas reestruturações internas e serem capazes de iniciarem a transferência de liquidez, de uma forma sustentada, para as empresas com qualidade (que ainda há muitas) e de reforçarem o volume de crédito para os bons projectos.

2 Em relação à nossa sociedade de advogados, prevemos manter os níveis

entre os vários actores em cena.

1 O sector da advocacia de negócios é apesar de tudo mais protegido, uma vez que depende da actividade económica e não da saúde da economia, duas realidades que se cruzam mas não se sobrepõem. Será em todo o caso um ano difícil, muito provavelmente sem crescimento ou mesmo de crescimento negativo, pelo que não antecipo a criação de novas oportunidades de trabalho; por outro lado, penso que não assistiremos à geração de desemprego, pelo menos com qualquer impacto significativo. Infelizmente, o mesmo não será verdade para todos os segmentos da advocacia.

Acrescem dúvidas quanto à estabilidade da situação política e social face aos crescentes sinais de tensão entre os vários actores em cena.

de trabalho que tivemos em 2012, pois como já vimos neste ano que termina, o crescimento de algumas áreas compensou o decréscimo de outras. Prevemos crescimento em áreas como o bancário (regulação e recapitalizações), as reestruturações financeiras, o contencioso (administrativo, tributário e comercial) e o 'distressed M&A'. No próximo ano, esperamos manter o mesmo número de advogados, com um eventual crescimento marginal em áreas muito específicas e que tragam valor acrescentado.

Ainda não será em 2013 que veremos sinais de recuperação em Portugal. Mas poderão ser criadas as bases que isso suceda em 2014.

**Diogo Leónidas Rocha****Sócio da Garrigues**

1 Mesmo a uma distância tão curta, não é fácil prever a evolução da economia no próximo ano. Os esforços governamentais foram principalmente direccionados para combater a crise financeira, por forma a Portugal poder regressar aos mercados rapidamente. E isso teoricamente poderá ser possível já em 2013: ajudados por um maior comprometimento europeu na preservação do euro, os juros da dívida pública a dez anos já baixaram a barreira sensível dos 7%. A recuperação económica parece bem mais complicada, até porque foi sacrificada em benefício da financeira. Não querendo fazer previsões, o que poderei dizer é que a nossa

**Luís Salvaterra**
Director-geral ibérico da Intrum Justitia

1 Temos a noção que 2013 será um ano complicado e, sem pessimismos, dificilmente conseguiremos entrar já em recuperação. O cenário não é famoso e pode parecer sombrio, mas existem medidas que as empresas podem tomar para reduzir os riscos e protegerem-se.

2 A situação da economia mundial não é a melhor e tem importantes reflexos também na nossa actividade, por isso contamos que o próximo ano seja difícil e os passos a dar têm de ser muito ponderados, mas esperamos ter uma de consolidação de resultados. Para enfrentar os desafios do próximo ano, é fundamental que as

advocacia empresarial não testemunha ainda quaisquer sinais de recuperação da economia. As empresas interiorizaram que o mercado português não vai oferecer oportunidades de crescimento no curto prazo, pelo que continuam a privilegiar a procura de outros mercados estratégicos para expandir a sua actividade.

2 Consistindo a nossa actividade na prestação de serviços a empresas, as perspectivas de crescimento basicamente acompanham as perspectivas de crescimento da própria economia. De uma forma ou de outra, as sociedades de advogados adaptaram as suas estruturas e dimensão à nova realidade económica, pelo que terão necessariamente de recrutar colaboradores para responder a qualquer acréscimo significativo de trabalho que uma evolução favorável da economia proporcionar.

JUROS DA DÍVIDA**7%**

Os juros da dívida pública a dez anos já baixaram a barreira sensível dos 7%.

empresas actuem com rapidez e profissionalismo de forma a minimizar o impacto dos atrasos/incumprimento que alguns sectores de actividade vão ter no próximo ano e conseguirão fazer isso se entregarem os seus créditos a empresas especializadas na sua gestão.

O cenário não é famoso e pode parecer sombrio, mas existem medidas que as empresas podem tomar para reduzir os riscos e protegerem-se.